

JOSÉ LUANDINO VIEIRA

VIDAS NOVAS

ESTÓRIAS



CAMINHO outras margens

O FATO COMPLETO DE LUCAS MATESSO

I

O guarda prisional veio lhe avisar, um sorriso de mentira colado na cara, com gosma da informação no director:

— Chefe Reis, tenho uma boa novidade...

Os anos de serviço que já tinha davam mesmo direito a esse ar de segredo que adiantava pôr nas palavras. Sentou-se na cadeira, mesmo sem licença, e segredou:

— Sabe! Fez bem em dar visita ao 16!

O chefe fechou os olhinhos, pareciam eram de rato, e um sorriso mau agarrou-lhe nos lábios descoloridos, sentindo já alguma coisa ia passar com esse sacana do Lucas João Matesso.

— Tudo correu às mil maravilhas. Cinco minutos prò gajo ver a mulher. Apesar de preta, é muito boa...

— Diga lá a novidade, carago! Está-me a fazer água na boca!

O velho guarda prisional riu com a confiança desse chefe que podia mesmo ser ainda filho dele:

— Ora, quer saber?! No fim da visita os sacanas abraçaram-se para se despedirem e julgaram que eu não estava a ouvir. Ah, ah, ah! A mulher do gajo falou-lhe baixinho em mandar o fato completo!

— O fato completo?...

— Sim, chefe! Foi isso que a tipa disse!

— P'ra que raio quer esse gajo o fato completo com este calor? Ou o sacana pensa que o processo dele vai para tribunal?!

E riu tremendo os beiços finos e mostrando fila de dentes amarelos e pequeninos. Quando ria assim toda a cara dele ficava cheia de riscos que prendiam os olhos e lhe faziam parecer era puco do capim.

— Não sei, chefe. Mas ele insistiu e eu não quis deixar de lhe comunicar. Sabe, é o meu dever. Mas aquilo cheira-me a marosca da grossa! Pensei...

— Diga lá, Artur, diga lá!

— Talvez a gaja lhe queira mandar algum bilhete escondido...

O chefe pôs a cara séria e fez um gesto de agradecer, levantando-se e começando a passear com os passinhos curtos das pernas cambaias.

Esse preso já lhe estava dar muito trabalho, era uma chatice, com o inspector sempre a xingar-lhe e nada que conseguia. O bufo que tinha-lhe queixado jurava que o rapaz tinha ligação com o Kongo, mas em três meses de interrogatórios, porrada todas as

vezes, dias sem comer e sem tratamento, nada que conseguira inda saber. Uma coisa por ali e por acolá, conversas sem importância, mas nem um nome. Chamava-lhe para interrogatório pela noite dentro, mandava-lhe molhar o corpo antes de o ajudante lhe arrear uma surra de cavalo-marinho, o homem torcia, gemia, borrava às vezes, pedia perdão, mas, bem espremido como ele sabia fazer, não deitava nada.

Os exames para subinspector estavam chegar e agora arrependia das palavras ao inspector, falando-lhe desse caso:

— Penso, senhor inspector, que desta vez agarrámos uma ligação!

E sentia ainda nas costas a pancada de amigo do superior, esse gesto que ele só punha com muita consideração. E agora? Os três meses tinham passado, experimentara ainda com esses autos arrancados de Lucas Matesso, inventara uma história que fingisse certa, mas, só com uma leitura mesmo, o inspector tinha lhe virado as costas, zangado:

— Que diabo, Reis! Isto não tem pés nem cabeça! Aperte com o gajo. Esta coisa do outro que trabalha na mesma fábrica cheira a esturro. Insista, caramba!

— Senhor inspector... — tinha gaguejado, sentindo a cara ficar vermelha de vergonha e raiva — o gajo não tem sítio onde se lhe pegue. Estou à espera que recupere!...

Mas o inspector não quisera mais ouvir-lhe as desculpas que estava arranjar, a cabeça cheia desse exame que chegava e uma raiva a encher-lhe o peito curto, uma vontade de rebentar à porrada esse cão do Lucas Matesso, fazer-lhe confessar qualquer coisa, nem que fossem mentiras não fazia mal. Era preciso apresentar o processo ao inspector, era a sua fama, a sua carreira que estava ainda em perigo.

Por isso ri agora baixinho, satisfeito, esfregando as mãos contentes, engelhando a cara para esconder os olhinhos maus, pensando que sim, era agora que lhe caçava, esse tipo tinha esperado três meses e agora ia talvez receber algum recado. Já sentia o chicote a berrar em cima da pele do homem, os gritos, as desculpas que ele punha sempre, aquele prazer que lhe entrava no corpo quando acendia o cigarro e se encostava na cadeira para começar ditar no ajudante:

— ... declarou que...

Saiu no jardim. As flores coloridas e iguais dos lírios, as flores pequenas da buganvília branca, pareceram-lhe bonitas, ainda molhadas da água que o preso tinha lhes regado, as borboletas a voarem, o sol a bater e brilhar nas folhas verdes. O guarda prisional estava tomar conta do preso que trabalhava de jardineiro e assustou-se quando sentiu a voz fingida, nas costas dele:

— Oiça, ó Artur! Daquilo, nem uma palavra a ninguém! Conta comigo, homem, conta comigo! Se der o resultado que eu já estou a ver...

E afastou-se com o passinho miúdo e aos saltinhos como rato, os olhos outra vez

encolhidos de alegria, as mãos fazendo festas no queixo, sonhando com esse dia de manhã em que ele ia mas é fazer um fato completo a chicote a esse sacana do Lucas João Matesso, da cela 16.

Na porta teve ainda uma ideia que lhe alegrou mesmo na cabeça. Voltou para trás e gritou para o guarda prisional feito estátua a tomar conta das flores do jardim:

— Ó Artur! Esse gajo da 16, hoje e amanhã nada de comida!

E saiu a assobiar.

II

Deitado de costas, os olhos viajando o tecto da cela, Lucas João Matesso, baralhado, pensava ainda nessa conversa do princípio da manhã e nada que conseguia perceber, nem uma palavra, nem uma ideia do que o chefe lhe queria.

Primeiro, o chefe chegou mesmo nas sete e meia, os guardas andavam mandar na limpeza, matabicho não tinham distribuído ainda e João Matesso ouviu-lhe bem, chamar com um riso satisfeito, logo na porta:

— Artur! Traga-me o 16!

Ficara tremer, pensava era ainda mais uma daquelas conversas com o chicote sempre nas costas, o cigarro a lhe queimar na orelha ou ainda chapadas das matubas. Mas também não sentiu o ajudante do chefe e isso fez-lhe ir mais calmo, na frente do guarda.

O chefe tinha-lhe recebido com esse riso bandido que ele conhecia-lhe de três meses ali, conversa todos os dias, porrada quase sempre. Só que, desta vez, o homem deu-lhe mesmo a cadeira para sentar.

— Então? Como é que vai isso, Matesso?

Não tinha respondido, burro com essas palavras, nos outros dias era só cão, negro e muitas mais asneiras a insultar-lhe, disparatando a família. Mesmo assim falou os casos da comida de ontem, nada que lhe deram para jantar nem almoçar.

— Oh, diabo! Estou farto de avisar o chefe do pessoal. Se calhar esqueceram-se. Mas eu vou já tratar disso. Sabes porque é que te chamei, desta vez?

Riu baixinho, fingindo amizade na voz. E começou contar o director não queria ainda lá inocentes na cadeia e outras conversas para desviar. Com esses truques todos chegou mesmo no fim, só para lhe convidar:

— Já sabes! Vais logo embora. Não é mal nenhum para ti. A polícia sabe muito bem que o gajo é que faz as confusões lá na TEXTANG. Assinas o auto e pronto! Vais-te

embora! Dou-te a minha palavra de honra!...

Tinha-lhe custado a aguentar a história que tinha arranjado. Nessa hora, com aquele fingimento da bondade dele, quase ia esquecer o chefe não sabia o nome e deixar mesmo escapar era o Domingos André, lá na fábrica. Mas dentro da cabeça alguma coisa avisou-lhe o perigo, aqueles olhos pequenos, escondidos, mal se viam, nunca ficavam bons mesmo quando o chefe punha aquelas palavras.

Disse que não, sua cara de matumbo, nosso chefe sabe bem, três meses que eu estou aqui, nosso chefe deu-me com a porrada todos os dias e nada que eu fiz, sei mesmo alguém que me queixou e, se eu não sei o nome do rapaz, nosso chefe quer lhe conhecer, é porque não sei quem é.

Num instante um brilho de zanga e raiva acendeu nos olhos do homem, mas depois, com essa bondade que tinha começado mesmo de manhã, acompanhou-lhe no guarda prisional para lhe trazerem na cela outra vez. E sempre com sorriso, segurando-lhe no ombro, falou muito sério no guarda:

— Ó Artur! Hoje dê dois pães no matabicho, aí ao Lucas!

Tinha-lhe agradecido, fome era muita, depois o corpo com essas pancadas de sempre já não estava mais gordo, custava-lhe aguentar esse bicho da falta de comida a roer na barriga.

Mas o que espantava ainda mais, agora que olhava no tecto onde passeava a osga à procura de mosquitos, era essa pergunta que lhe tinha deixado baralhado, já mesmo o guarda tinha aberto a porta do corredor. Chefe Reis estava ainda atrás dele a pensar e, assim à-toa, rápido, até custou-lhe a perceber as palavras, perguntou:

— Ouve lá? Mandaste vir hoje o teu fato?

Olhou-lhe bem nos olhos, outra vez aquele sorriso mau, de cobra, e, mesmo sem Lucas Matesso falar nada, virou-lhe as costas e adiantou ir embora.

Mas o quê ele queria ainda falar com essas conversas do fato? Dava voltas e voltas na cabeça e não podia se lembrar de nada. Era preciso cuidado, esse homem estava preparar mesmo ratoeira de lhe apanhar. Toda a esperteza tinha que estar ainda com atenção, não podia deixar agora estragar esse serviço de três meses que aguentara. Domingos não lhe apanhavam, já tinha ido mesmo no Kongo, mas no serviço tinha lá mais bons rapazes e ele não podia lhes trazer nesse inferno de porrada, de fome, de insultos e torturas.

Isso de fato, era o quê então? A cabeça estava quente de pensar, cadavez mesmo era fome, o matabicho não tinham-lhe dado, percebia bem era mentira do chefe, estava só a querer lhe desanimar nesse dia. O corpo ficou pequeno de frio, o medo lhe correu ainda no sangue quando pensou talvez mesmo estava-se preparar para lhe deixar morto

com as pancadas. Medroso não era, mas, cada vez que sentia o chicote de cavalo-marinho na pele, cortava-lhe mesmo lá dentro. E pensou Maria ia vir hoje com a roupa dele, como era costume, sextas de manhã, e uma alegria lhe agarrou no coração com a lembrança da visita desse dia de ontem, pouco tempo era verdade no fim de três meses, mas boa, para ver ainda a companheira que lhe esperava lá fora com a coragem dela de trabalhar ainda para os três monandengues que tinha.

E, com esse pensamento, em que se via já regressar na cubata, alegria dos monas a lhe abraçarem, a pedir talvez para contar essa prisão que mamã tinha lhes falado, os olhos começaram a querer se fechar com a fome, a barriga mesmo a refilar sem comida e sentindo já o barulho das pessoas em monte, lá fora, para entregar a roupa, começou dormir.

Era sexta-feira e os guardas andavam depressa, abrindo e fechando o portão, fazendo a chamada com voz zangada, recebendo e entregando as roupas bem revistadas mesmo pelo chefe dos guardas que gostava este serviço.

Chefe Reis já estava ali ao lado do velho, apreciando essa técnica do homem a apalpar com depressa todos os sítios ele pensava podia ir ou vir lá bilhetes ou outras coisas ainda.

— Então, Artur?

— Nada, chefe! Até agora nada. Calma! Eu passo isto a pente fino...

Gargalhou ainda essas palavras dele e o chefe acompanhou-lhe. No chão de cimento o homem tinha espalhado todas as roupas limpas Lucas Matesso ia receber nessa manhã e, com devagar, parecia estava ainda sentado na mesa a escolher ou a provar a boa comida, apalpava com todo o cuidado a roupa velha e remendada do operário.

— Mas não veio o fato?

— Não, chefe! Veio comida, dessa comida que esses gajos comem, com aquela porcaria do azeite amarelo, e esta roupa! Claro, aquilo era truque combinado...

E continuou rir, satisfeito. Os dedos grossos e amarelos do tabaco seguravam as cuecas, procuravam mesmo na braguilha, sem encontrar ainda nada, atiravam no monte onde já estavam as peúgas abertas e as camisolas amarrotadas.

Chefe Reis, sentado na borda do passeio, sentia a paciência sair embora. Se não lhe apanhasse esse bilhete nesse dia, ia ser uma grande confusão para desculpar no inspector, sempre a xingar-lhe no telefone. Mas ele pagava-lhe, ai se pagava! E ia sonhando esse bilhete de que tinha gosma, que ia trazer muitas vezes o nome do outro, do Kongo.

Já mais calado, a alegria do riso e do assobio tinha lhe fugido na roupa a se amontoar sem encontrar ainda nada, o chefe dos guardas desdobrava o lençol, apalpava nas

bainhas, mirava, revirava-lhe bem na luz do sol, cadavez podiam ter escrito a lápis, e nada que descobria.

Agarrou, raivoso, no lençol, amachucou-lhe nas mãos, arrumou no monte e, com dedos já a tremer e o suor a aparecer, pequeno cacimbo na testa careca, segurou o pijama. Ora isso, pijama era mesmo o fato que vinha ali!

Encheu-se com a última coragem que sobrava da dúvida de não encontrar e conseguiu rir no chefe:

— Ora, agora é que vai aparecer! É o único fato completo que há aqui...

Os dedos procuraram devagar nos bolsos, no colarinho, nas bainhas, e, cada vez que as mãos não sentiam nada, as rugas da testa iam ficando mais fundas, pareciam eram rios pequenos onde corria a água do suor. Irritado, começou a rasgar o colarinho e meteu lá os dedos, tirando para fora o pano que servia de reforço, rasgando-lhe também.

— O cão aldrabou-nos, Artur!

— Não, chefe! Deixe que eu encontro...

Mas bem lá no fundo dele um medo de dúvida estava aparecer e se não ia encontrar mesmo o bilhete ia ser um grande azar. Nessa hora em que estava precisar ainda uma boa informação no director, tudo ia se estragar, não podia ser...

O suor escorregava, grosso e quente, para dentro da camisa larga, os dedos atrapalhados procuravam na calça do pijama, dentro do cordão de lhe amarrar, na bainha, embrulhando, baralhando já as pernas da calça, sem saber mais onde era uma, onde era outra, e então, enquanto na frente dos olhos dele aparecia assim a derrota, essa vergonha, ouviu o riso mau do chefe nas costas dele e a voz que todos conheciam e tinham medo ali na prisão, a gozar-lhe:

— Você foi parvo, Artur! Comeram-no!...

Isso ele não admitia, essas palavras. Mesmo que era um chefe não fazia mal, podia ainda ser pai dele, um garoto assim a lhe falar. Mas, quando levantou a cabeça para refilar, os olhos pequenos e maus pareciam duas brasas lá no fundo da cara, e os beiços finos estavam arreganhados num sorriso na hora que falou, batendo bem as palavras, cada uma a dizer mesmo o que ele queria para envergonhar o velho:

— Foi burro, Artur. E eu a acreditar! Vá-me buscar esse filho da mãe!

O chefe dos guardas rasgou, às tiras, o pijama que se embrulhava teimoso nos seus braços velhos e cabeludos, enquanto, com o seu andar curto e cambaio, o chefe afastava na direcção do quarto dos interrogatórios, rindo para dentro dele, satisfeito com o que ia fazer.

III

Ainda nem tinha dado um passo no gabinete, estava a olhar o chefe a sorrir bondoso, quando o chicote lhe apanhou num rio de fogo do pescoço até nos rins, colando a camisa velha na pele. Lucas Matesso, apanhado assim à toa, gritou, cobrindo a cara com as mãos, já sabia o ajudante do chefe ia lhe bater mesmo na cabeça como era mania dele. O riso de mabeco do homem misturou-se nesse fogo de jindungo na pele e, na cara dele, o chefe estava-lhe já a berrar:

— Tudo! Tudo! Quero tudo! Hoje não é como as outras vezes!

E o chicote atirava-se para lhe apanhar nas costas, na frente, torcendo-lhe o corpo que ele queria ainda fazer ficar direito, quieto, e abrindo a boca que ele queria mesmo fechada, calada, sem uma palavra de perdão para esses homens, três meses ali e sempre com a pancada no corpo, na cabeça, parecia a vida deles não sabia mais nada, só bater, só arrear. O ajudante ria e levantava o braço gordo bem alto para deixar cair com força o grosso chicote que punha um barulho diferente nessa manhã bonita. Chamados pelos gritos do preso, os cães correram e adiantaram ladrar-lhe, trazendo mais confusão nos pés que arrastavam no cimento, no barulho da cadeira a cair com Lucas Matesso batendo com a cabeça no chão, o chicote sempre a arrear-lhe, e então, quando ia mesmo falar, perdão, para ver ainda se o chefe parava, a voz rouca e má entrou-lhe nas orelhas:

— Pronto! Ó Adão! Um balde de água!

A água estava fria, era boa assim em cima o fogo a doer nas costas, a queimar, e um princípio de calma invadiu-lhe para lhe lembrar essa hora agora era perigosa, tinha de aguentar bem...

— Levanta-te! Quem é o gajo? Anda, fala depressa!

— Não conheço, nosso chefe! Já falei não conheço...

— Schcht! Cala-te! Quem é o gajo da fábrica, depressa!

O ajudante chegou-se, mansinho, mabeco de olhos a luzir com aquela carne assim de borla, balançando e fazendo gemer o chicote.

Lucas Matesso tinha aguentado esses dias todos dos três meses, mas, mesmo com essa porrada de todas as vezes, o medo era ainda igual do primeiro dia, nada que ele conseguia para os olhos não mirarem esse mexer de surucucu que tem o chicote, para não sentir ainda o cortar da pele, parecia estava sempre a ouvir-lhe nas orelhas, para segurar o cuspo grosso que engolia e parar esse tremer de caniço que lhe enchia no corpo. Mas não tinha também medo, sabia bem o que custa é quando está assim só a

ver, logo que o chicote cai e dói e continuam bater, pronto: o resto do medo foge com a pancada, só a dor fica a crescer, e essa anulava-lhe bem. Não, nem que lhe matassem ainda, o chefe não ia saber o nome do homem...

— Quero tudo! Hoje! Senão mato-te, cão, mato-te!

A voz entrava na orelha inchada, e nos olhos apareceu essa cara pequena, cheia de riscos, de olhos de bicho do capim, escondidos no fundo dos buracos, e então a voz dele, nem lhe conheceu mesmo, falou só:

— Juro, nosso chefe! Não lhe conheço... Isso tudo são mentiras. Me queixaram, eu sei, nada que eu tenho...

Nem acabou falar. O chefe cuspiu-lhe mesmo na cara, mas nem teve tempo de limpar o cuspido amarelo. O ajudante já tinha-lhe puxado no braço, o corpo leve bateu na parede, voltou parecia era bola de borracha e uma roda de fogo grande como o sol lá fora encheu-lhe em baixo da barriga, trepou-lhe nos olhos que se abriam tanto como a boca a querer comer o ar, o ar que não entrava, com essa dor de agulha do pontapé tinha-lhe posto nas matubas. Os olhos torceram, da garganta o que saiu era mesmo urro, fala de animal ferido na mata, e o corpo dele, magro e seco, comido na fome, amachucado com as pancadas de sempre, não conseguia ficar de pé, mesmo que ele quera.

Por cima dele o riso do chefe e do ajudante faziam uma mistura maluca com o ladrar dos cães e o barulho da água no balde que lhe molhou por todos os lados.

Dos beiços inchados, um fio de sangue saía, mexendo-se diante dos olhos abertos, por cima do cimento vermelho do chão. Um vômito grande encolheu-lhe a barriga, mas nada que tinha comido nesses dias e só uma água verde saiu a se misturar no sangue, no suor, na água do balde.

Assim estendido, aguentando as dores dos pontapés que as botas do ajudante lhe punham nas costas, nas pernas, no peito mesmo, os olhos não queriam deixar ainda de olhar essa água diferente, de três cores, a correr, a correr...

E era o Lukala que ele via, o rio da terra mijando a água boa nas lavras. O Lukala descendo, vagaroso e seguro, sem medo, já depois do salto do Duque de Bragança, a correr para se deitar em cima das águas do mais-velho Kuanza e, de mão dada, seguirem os dois na direcção do mar.

Essa figura assim, das águas do rio e dos capins dos lados a dançar no vento, os dendéns pendurados nas palmeiras, as lavras verdes de milho e mandioca, deram berrida nas dores, não sentia mais o chicote outra vez a bater e as palavras que o chefe punha, cada vez maiores, parecia ele mesmo é que estava a levar com pancada.

— O bilhete! Quero o bilhete!...

Mas qual bilhete, então? Nunca tinha-lhe falado uma conversa de bilhete e agora mesmo, desde que começara, era só isso que ele queria saber ainda, eram essas as palavras, o ajudante também gritava com a sua voz de bode, não percebia nada.

— Não sei, nosso chefe! Não sei! Perdoa!

Essas palavras estavam sair já com o hábito, era sempre isso ele dizia desde o princípio quando lhe deram encontro na fábrica e lhe trouxeram ali na prisão. Mas os homens não desistiam, gritavam dentro das orelhas dele, o ajudante não parava de bater e Lucas Matesso queria mesmo se lembrar, gostava ainda saber o que era essa conversa do bilhete, mas nada que lembrava mesmo, só as palavras do chefe, as chicotadas do ajudante, berros:

— O fato completo! O fato, onde vem o bilhete!

Então a dor foi mesmo mais grande, fogo como do pontapé das matubas, do princípio. Todo o corpo não quis mais se defender, força para aguentar os braços e defender ainda a cabeça não tinha só, olhos inchados já, nada, ninguém que ele via bem naquela hora, nas orelhas um zunir de muitos mosquitos atropelava essas palavras do chefe, mistério também para ele:

— O bilhete! O bilhete do fato! Quero saber!

Sentiu outra vez o gosto amargo dessa água verde que saiu no vomitar, as estrelas de todas as noites escuras dançavam na frente da cara, na cara do ajudante a rir com a boca toda aberta, e caiu com barulho de saco vazio em cima do cimento do chão.

Lá fora, nos jardins, as borboletas e os pássaros não paravam de passear, pondo beijos nas flores, e o vento da manhã assobiava pequeno nas folhas dos mamoeiros que queriam espreitar por cima dos muros. O chefe agarrou no balde da água e despejou outra vez na cabeça ensanguentada, no corpo rasgado de Lucas Matesso.

— Filho da mãe! O gajo já não aguenta nada! Fica para logo! Já é quase meio-dia!

O suor corria-lhe no peito curto e adiantou tirar os óculos para lhes limpar. O ajudante arrumou o chicote no canto do quarto, voltou, pôs ainda um pontapé na barriga do preso. Lucas Matesso mexeu, estava mesmo acordar nessa hora, sono pequeno e pesado a pancada tinha-lhe dado, e os olhos não queriam mais se abrir bem, ficaram ainda baralhados a ver as biqueiras dos sapatos do ajudante diante dele.

Em todo o corpo o sangue levava jindungo, parecia era um bando de marimbondos estava-lhe comer na carne, e o zunir desses bichos nas orelhas não deixava-lhe ouvir nada que o chefe falava no guarda. Na cabeça dele, grande e inchada parecia era abóbora, essas palavras do fato completo, do bilhete, não aceitavam sair, nem mesmo quando o sol carrasco continuou-lhe bater no corpo cheio de sangue e lhe carregaram, sempre com socos e pontapés, na cela dele.

Dentro da cela o silêncio encheu-lhe, grande e grosso, a cor suja de sangue das paredes dançou na sua frente e só teve tempo de estender mesmo as mãos para se agarrar quando lhe atiraram na cama.

Nessa hora então, as lágrimas que tinha aguentado lá no gabinete correram, quentes e salgadas, por cima das feridas da cara, lavando os olhos tapados, dançando-lhe no corpo com um correr macio e sentiu a companhia nessa visita de ontem, com a alegria dela antiga guardada nos olhos que lhe miravam e a voz doce como azeite-palma que lhe tinha falado, que lhe tinha segregado essa coisa boa...

Não! Não podia ser mesmo verdade, destino de uma pessoa não pode arranjar essas histórias assim, tudo era mentira, mentira só. Mas, no chão sujo da cela, o monte de roupa dele, essa roupa Maria tinha lhe lavado e engomado com o gosto de todos os dias, não deixava mais mentir nele mesmo, nem que queria. Tudo amarrotado, torcido, e mesmo o pijama estava ainda em bocados e esses trapos assim desrespeitados falavam era verdade isso que a lembrança das palavras da companhia tinha trazido nessa hora mesmo.

Estendeu a mão, devagar, o corpo a tremer com a dor e a pele a rebentar cada vez que mexia, o sangue a se colar na roupa, na direcção das pequenas panelas encostadas na parede, junto com essa roupa estragada. Levantou só, com jeito, a tampa, a gozar ainda essa surpresa boa ele já sabia ia mesmo suceder.

A dor era muita a pisar-lhe em todo o corpo, três meses de castigos e fome, pancadas e conversas, tinham-lhe custado aguentar ficar calado com o nome de Domingos. Mas, nessa hora, olhando a luz amarela do azeite-palma no fundo da panelinha, a dor fugiu, voou, as lágrimas era só água sem raiva que tinha bebido no Lukala, o jindungo do doer das feridas era ainda esse jindungo vermelhinho que lhe mirava das costas do peixe.

O amarelinho doce do azeite-palma estava a rir para ele com esses dentes todos do feijão bem cozido e quase esborrachado pela colher de pau, Maria sabia fazer tão bem, nessa panela de barro onde lhe cozera. E tinha ainda o peixe para lhe juntar, as bananas mesmo, embrulhadas no papel, tudo como ele gostava, essa boa comida do povo que a companhia cozinhava, sabia ainda arranjar como ninguém. Essa comida de feijão de azeite-palma com peixe de azeite-palma, a banana e tudo, que toda a gente nos musseques tem só a mania de chamar de «fato completo».

A gargalhada grande como as chuvas de Abril engrossando mais os rios cantou na garganta dele, encheu a cela de alegria, fugiu no postigo, pelos arames da rede, entrou maluca nos gabinetes onde os irmãos aguentavam as pancadas e torturas, calou os pássaros no jardim e, com um salto, voou por cima dos muros da prisão, correndo livre pelas areias de todos os musseques da nossa terra de Luanda.